FRANÇA — O CASTELLO DE HAM.

Ham é uma pequena cidade de França, na antiga provincia da Picardia, e hoje departamento do Somme. Sem importancia commercial ou industrial, situada em posição desaprazivel e doentia, e com uma população que não ascende a 2:000 habitantes, Ham nada mais tem de notavel que o seu castello, aliás muitas vezes celebrado nos fastos da meia idade.

A construcção do castello de Ham attribue-a a tradição a Luiz de Luxemburgo; comtudo está averiguado pelo exame de documentos importantissimos e fóra de toda a suspeita que é muito anterior ao seculo XV.

Assente em terreno baixo e alagadiço, compõe-se esta fortaleza de quatro torres redondas, edificadas nos angulos de um quadrilongo, e ligadas entre si por muralhas altissimas, guarnecidas de ameias; duas outras torres quadradas defendem as duas entradas da praça, das quaes uma foi ultimamente inutilisada.

A torre principal, ou de leste, é uma immensa molle de pedra, magestosa na sua vastidão: tem 33 metros de alto, outro tanto de diametro, e 11 metros de grossura as suas muralhas. No pavimento inferior, e na grossura d'estas, ha doze cubiculos estreitos e compridos; são as prizões.

Muitas pessoas notaveis têem gemido nos lobregos carceres de Ham; e esta só circumstancia dá certo interesse historico a tão sombrio edificio. Notaremos, entre outros que ali jazeram, o conde de Marboeuf, Lautrec, Mirabeau, o grande orador; os republicanos Bourdon, Chasles e Choulieu; Polignac e Peyronnet, signatarios das celebres ordenanças de 1830; depois a duqueza de Berry, e ultimamente o actual imperador dos francezes, Napoleão III, que tendo ali entrado em 1840, com o general Montholon, e o doutor Conneau, conseguiu evadir-se, disfarçado em trabalhador, a 25 de maio de 1846. Posteriormente, acceite a submissão do famoso emir Abdel-Kader, o governo francez designou o castello de Ham para residencia d'aquelle que tanto tempo tinha corajosamente affrontado o valor das melhores tropas do mundo.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

TELEGRAPHOS.

TELEGRAPHO ELECTRICO EM FRANÇA.

Já hoje possuem a telegraphia electrica cem villas e cidades francezas, pouco mais ou menos. Mas estes rapidos conductores ainda hontem estavam adstrictos aos caminhos de ferro: avançavam com estes, paravam onde estes paravam, alcançavam-nos algumas vezes, mas nunca se adiantavam a elles. Hoje está decretada a execução de uma rede completa de telegraphos electricos, independente das vias ferreas; entre as povoações ainda agora privadas da grande locomotriz vão estabelecer-se os fios do telegrapho ao longo das estradas reaes, para estes se estenderem até os caminhos de ferro, á proporção que se forem ultimando os differentes troncos ou secções dos mesmos caminhos.

Apesar da lei franceza pôr á disposição dos particulares o serviço do telegrapho electrico, e de imitar n'este ponto a confederação americana e a Inglaterra, adoptando uma das mais felizes applicações do novo agente, essa lei offerece nos seus artigos inconvenientes de execução, que devemos evitar nos regulamentos da telegraphia electrica portugueza.

Ouçamos a este respeito as observações sensatas de M. de Courcy que, ao mesmo tempo, nos revelam o vicio da lei franceza, e as vantagens dos regulamentos americanos.

«O governo (diz M. de Courcy) abriu recentemente em França algumas linhas de telegraphos electricos, e em contradicção com os seus habitos de monopolio prestou-se a dar aos particulares a faculdade de servir-se d'esta via para a transmissão dos despachos d'estes. Mas, segundo o resultado financeiro da primeira quinzena, que accusa uma receita de um milhar de francos, é para temer que este modo de communicação não se torne nunca popular e usual, e nem mesmo cubra as despezas da sua installação. E comtudo os telegraphos deveriam ser, como o correio, uma fonte de receita para o thesouro, e assim seria, se os preços da transmissão não fossem exorbitantes, e se as repartições ministeriaes não tivessem retido com uma mão, o que pareciam dar com a outra. Um regulamento munido d'uma quantidade de artigos interminaveis determina as numerosas condições, que é necessario desempenhar para ter direito de transmittir uma mensagem sobre os fios conductores do pensamento. São outras tantas peias destinadas a impedir que o uso do telegrapho penetre nos costumes, e se naturalise em França como se naturalisou nos Estados Unidos.

«Supponhâmos que chego da America ao Havre ou a Bolonha. O tricornio do gendarme e a veste verde do official da alfandega, vogando até o mar-alto para tomar posse do navio, antes que este entre no porto, fizeram pulsar o meu coração com as primeiras emoções da mãe-patria. Consigo, depois de um interrogatorio minucioso como se fôra feito a um criminoso, resgatar a minha pessoa das mãos d'esses interessantes funccionarios, deixando-lhes todavia o meu passaporte e bagagem, que elles se propõem examinar com mais vagar. Desembarco em fim; mas é muito tarde para tomar logar no caminho de ferro; tenho ardentes desejos de chegar a París, onde me espera com viva impaciencia a minha familia inquieta. Quero ao menos informal-a da minha chegada, e corro ao escriptorio do telegrapho. Um personagem compassado, com fumos de administrador, e que não passa de trapaceiro, falla-me pouco mais ou menos n'estes termos:

—Trazeis passaporte?

—Pára nas mãos dos bons gendarmes.

—Tendes auctorisação do senhor *maire* para vos servir do telegrapho?

—S. senhoria já a estas horas deve de estar deitado.

—Tendes certificado de dous notaveis, que provem o vosso comportamento irreprehensivel? Podeis apresentar duas testemunhas, que façam constar a vossa identidade?

—Como assim, se não ha mais de duas horas que eu andava ainda sobre as aguas do mar, e não conheço ninguem no Havre!

—N'esse caso voltae por cá ámanhã.

«E se no dia seguinte, munido de todos os documentos exigidos, me obstino a querer usar da via expeditiva do telegrapho, sou obrigado a escrever a minha correspondencia n'um certo papel com cabeçalho impresso, a recopial-a n'um certo registo, a apor a minha assignatura em muitos livros de talão (ha muitos d'elles n'estes escriptorios); e depois de tudo isto ainda hei de esperar que chegue a sua vez á minha correspondencia. Teria tempo para estar em París antes de lá chegar a minha missiva, levada nas azas do raio.

«Que utilidade é, portanto, a de todo este luxo de formalidades, e que serviços obtêem para o publico similhantes embaraços? Dirão que é para estorvar a agiotagem, e salvar o governo de tramas anarchicos. Mas o monopolio é que tem sempre apresentado estes perigos, e não a liberdade da transmissão das noticias que em si mesma traz o seu remedio. Des que em Ruão todos podem saber que a tal hora os 5 % estavam a 90 em París, e que não havia tumultos nas ruas, ninguem se deixa caír em especulações desastrosas, nem enganar por um revolucionario compromettedor. Na bolsa de Nova-York os agentes de cambio e corretores recebem todos os dias durante as suas sessões muitas centenas de despachos telegraphicos, transmittindo-lhes ordens de compra e venda. Sabem-se minuto por minuto os cursos do mercado de Boston e Philadelphia, e a taxa das remessas de dinheiro nivella-se n'esses tres centros commerciaes com a mesma instantaneidade, sem fluctuações muito sensiveis.

«N'este famoso regulamento francez todos os artigos são destinados a retardar as correspondencias; não ha um só, que tenha por fim actival-as, nem que fixe um maximum de duração á transmissão electrica, e puna o operador negligente. E era esta a unica cousa verdadeiramente essencial. Nos Estados Unidos além dos livros de contabilidade não ha senão um registo no serviço do telegrapho: é o livro, de que é portador o carteiro, e em que escrevem a hora e o minuto da entrega das suas missivas as pessoas que as recebem, para que a administração do telegrapho saiba, se o seu agente foi pontual, e o despeça quando seja necessario. Por isso com o favor d'essa promptidão, e omissão de formalidades é possivel na America expedir correspondencias a cem e duzentas leguas de distancia, receber primeira resposta, replicar com observações a esta, e receber resposta definitiva: tudo isto no mesmo dia. Termina-se em duas horas, e sem se ser visto, um negocio, que pela posta requereria outo dias e mais. Em caso de incendio pedem-se soccorros ás povoações mais afastadas. Em caso de roubo dão-se os signaes do malfeitor a todas as estações policiaes circumvisinhas, e o ladrão é prezo no mesmo momento, em que se julga seguro da impunidade. Em caso de tempes-

tade ao sul, dá-se aviso ao norte, para que os navios se não façam ao largo. Em caso de innundação, o telegrapho informa d'ella todas as povoações, por onde gira o rio, para que possam salvar bestas, gados, mercadorias, e a propria vida. A electricidade marcha mais veloz que o trasbordar das aguas. Não ha serviço que o telegrapho não faça. Na America é uma das necessidades da vida, e o seu uso nos negocios está ainda menos espalhado do que nas familias, onde esta invenção prodigiosa vem a ser a Providencia dos amigos que se separam, e dos maridos constrangidos a ausentar-se. Eu mesmo confiei a este fluido mysterioso mais de uma mensagem affectuosa, e gosava ao pensar, que umas poucas de palavras, fendendo o espaço, eram portadoras de uma consolação instantanea, fazendo desapparecer a distancia, e me davam o estranho privilegio da ubiquidade. Em um concerto de Jenny Lind vi o director apresentar-se á balaustrada, e dizer: «Se o sr. Guilherme Brown está na sala, pede-se-lhe que tenha a bondade de passar ao escriptorio, onde achará uma missiva muito importante, que lhe é dirigida, e se recebeu n'este instante de Chicago.» Immediatamente se levantou do seu logar um dos espectadores. A sua familia sabia sem duvida que a essa hora havia elle de estar no concerto, e o telegrapho permittia informal-o de uma nova, cuja chegada podia, mais ou menos prompta, causar a sua fortuna, ou a sua ruina.

«Des que se admitte que o segredo das cartas não deve ser violado pelo governo, não ha razão valiosa para exigir a identidade dos signatarios das missivas, para verificar a exactidão das assignaturas, ou para descobrir o mysterio das correspondencias telegraphicas, copiando-as em registos sellados e rubricados. Todas estas minucias fazem crear empregos novos, e gravam tanto mais o orçamento sem fazerem serviços apreciaveis. Na America não ha negociante, que se não sirva diaria e regularmente do telegrapho; mas a maior parte usam de linguagem emblematica, de cifra ou de um vocabulario grotesco, de que os seus correspondentes possuem a chave, e que lhes permitte não divulgarem os seus negocios á primeira pessoa, que apparece. De mais d'isto, assigna-se quasi sempre em pseudonymo de antemão concertado, que é o melhor meio de evitar a usurpação das assignaturas; e parece-nos que a administração franceza, querendo premunir o publico contra as fraudes, afastará dos seus telegraphos as dependencias mais importantes, em vez de as attrahir. Outra facilidade, cuja adopção recommendâmos, é, ao mesmo tempo que se expede a missiva, pagar a missiva e a resposta, de sorte que a pessoa, a quem se escreve, não tenha pretexto para dispensar-se de dizer o que se lhe pergunta, e o carteiro, ao entregar a missiva, peça a resposta.»

(Continúa.) O. M.

ESTADISTAS PORTUGUEZES.

DIOGO DE MENDONÇA CÔRTE REAL.

(1658—1736).

I.

Entre os homens notaveis pelo saber e pelo engenho, que ornaram a epocha de maior esplendor no reinado de D. João V, um dos que mais avulta é o secretario das mercês, depois nomeado secretario de estado, Diogo de Mendonça Côrte Real.

Nacionaes e estrangeiros são concordes nos seus louvores; e o nosso estimado politico D. Luiz da Cunha, por indole bem contrario a adulações, escrevendo para Londres a Sebastião José de Carvalho e Mello, ainda se lembra com saudade, em 1740, do ministro fallecido em 1736, lamentando a confusão das cousas, depois da sua perda, e encarecendo a destreza com que elle as tinha sabido guiar nas circumstancias mais delicadas.

Nos importantes extractos dos archivos dos negocios estrangeiros de França, de que o sr. visconde de Santarem enriqueceu o tomo V do seu Quadro Elementar, encontram-se identicos e desinteressados testemunhos. Os diplomatas de Luiz XIV e de Luiz XV formam, em geral, o mesmo vantajoso conceito da cortezia, da consummada experiencia, e da habilidade, com que o antigo secretario das mercês, costumava dirigir os negocios; e observam, por occasião da sua morte, que a sua falta será difficil de remediar.

O grande defeito, que alguns lhe notam encerra o elogio insuspeito da sua probidade. Não se inclinar ao partido francez, ou ao inglez, e apparecer firme e decidido defensor dos fóros e brios portuguezes, é a prova real do merecimento e fidelidade do ministro. Depositario dos segredos do seu rei, guarda-os com recato, e sem hesitar; pizando com indifferença peitas e suggestões, não se desvia um só momento do dever, e nem sequer olha para o bom, ou para o mau rosto, que podem apresentar as conveniencias estrangeiras, incansaveis nos enredos, e insaciaveis na ambição!

D. João V, que apreciava as qualidades e os serviços do ministro, honrou-lhe a memoria com demonstrações de sincero sentimento.

Sem descer a baixezas para captivar o valimento, Diogo de Mendonça possuia a arte de se insinuar, e o condão mais precioso de conservar a affeição e a confiança, uma vez adquiridas. Instruido, sagaz, e sobre tudo allumiado por uma prudencia rara, que de longe via e acautelava o risco, soube tornar-se indispensavel sem nunca se fazer pezado.

Conhecendo os escolhos da côrte, como o melhor piloto sempre navegou desviado d'elles durante o largo espaço, que a cursou. Acabando de assistir ao ultimo suspiro de Pedro II passou a receber as primeiras confidencias do seu successor, crescendo em honras e empregos.

Jovial com gravidade, mordaz nos conceitos e nos ditos, esquecido por calculo, e remisso por habito, os requerentes amaldiçoavam-o pelas costas, e não podiam deixar de se applacar, ouvindo-o. Ninguem escusava tão graciosamente uma falta de palavra. A sua polidez nunca se desmentiu; era igual para todos, quer adoçasse a repulsa, quer avivasse o favor.

Dado aos prazeres, e por causa d'elles demorado no expediente dos negocios, se a urgencia o apertava, cortando por tudo, trabalhava encerrado dias e noutes sem lhe esmorecerem as faculdades, ou as forças o atraiçoarem.

O seu conselho reputava-se de grande pezo e sizudez; e quando occorriam complicações, ou obstaculos repentinos, depois do velho conde de Castello Melhor, ninguem acertava mais depressa com a solução adequada para evadir, ou para desatar o nó da difficuldade.

D. Pedro II, principe de letras bastardas e de curto alcance, mas de juizo são e positivo, encostava-se ao voto de Diogo de Mendonça, antepondo-o muitas vezes ao dos fidalgos mais conceituados do seu conselho.

D. João V fastuoso, ciumento da dignidade do throno, e presumido de atilado e de politico, louvava-lhe a inteireza, com que, em alguns lances arriscados, não tinha duvidado expôr-se a perder em um instante a boa sombra do seu agrado no leal cumprimentó das obrigações, combatendo as opiniões, e commentando as ordens do monarcha mais absoluto por amor proprio, e mais zeloso do poder soberano.

De certo, um estadista menos flexivel nas maneiras, e menos perito nas desculpas caíria sem remedio diante da ira do principe, que se prezava de mandar sem replica, e de não admittir na sua presença senão subditos complacentes, e obediencias mudas e passivas.

Mas Diogo de Mendonça, como o Camões do Rocio, sabia de uma corda secreta no caracter do rei, que ferida com tacto subtil nunca deixava de responder. Temperando-lhe com o riso o que podia haver de amargoso e desagradavel nas cousas; e fallando-lhe á generosidade, e aos estimulos cavalleirosos abrandavam-o no maior impeto, e sem quasi o sentir, traziam-o de um extremó ao outro, persuadido sempre, de que era elle quem arrastava os outros!

Naturalmente espirituoso, D. João V custosamente resistia ao ascendente dos homens engraçados, que sabiam conter-se, respeitando-o, embora não respeitassem mais ninguem.

Sotto Maior (o Camões) e Diogo de Mendonça valiam-se d'esta inclinação para os seus fins, e entre algumas risadas, filhas das suas invenções satyricas, aproveitando o lanço, introduziam a tempo os conselhos maduros e avisados, arrancando ao soberano resoluções oppostas ao parecer, a que o viam mais ligado.

D'este modo é que o ministro em mais d'uma occasião conseguiu dobrar o animo do soberano, desviando das nossas costas e fronteiras o raio da guerra, que uma imprudencia orgulhosa podia desafiar; e el-rei, caíndo em si, e depois de passada a crise, medindo a extensão do erro, agradecia interiormente ao seu ministro a habilidade com que o afastára do perigo, sem lhe dizer que o havia!

A carreira de Diogo de Mendonça foi longa e socegada. Collocado nas eminencias do governo, aonde os furacões subitos são frequentes, e as quedas inopinadas se repetem, atravessou dous reinados sem sobresalto, e cerrou os olhos tão tranquillo, como se o escudasse a obscuridade da vida domestica.

Os emulos mesmo não se congratularam com a sua falta. Nenhum sentia os hombros bastante robustos para acceitar indeviso o pezo do immenso encargo, que elle supportára na velhice com semblante alegre, desempenhando-o sem fadiga. Foi uma herança, que se repartiu, e que por isso mesmo perdeu metade da importancia.

II.

Diogo de Mendonça Côrte Real, secretario das mercês d'el-rei D. Pedro II, seu enviado extraordinario na Haya, e depois na côrte de Hespanha, e secretario d'estado d'el-rei D. João V, nasceu na cidade de Tavira, no reino do Algarve, aos 17 de junho de 1658.

Foram seus paes Diogo de Mendonça Côrte Real, e D. Jeronyma de Lacerda, ambos pessoas nobres e ligadas em parentesco ás casas mais distinctas de Portugal e Castella.

Desde a infancia madrugou em Diogo de Mendonça o talento e a inclinação ás letras, aproveitando-se como em terreno fertil os cuidados, com que desveladamente assistiam á sua educação os melhores mestres.

No estudo das humanidades notou-se a viveza do engenho e a promptidão da memoria; matriculado na universidade, e applicado á lição da faculdade canonica, admirou-se a lucidez da intelligencia, a assiduidade da frequencia, e a comprehensão extraordinaria.

Obtido o grau de doutor, com applauso dos condiscipulos, que excedêra, e merecido louvor dos lentes, que o apontavam como exemplo, passou á côrte despachado em premio com uma *conducta* em canones em 1686, e outra de leis em 1687. A intimidade da sua familia com os fidalgos e funccionarios de mais valimento depressa lhe abriram a carreira dos empregos. Começou por um logar dos mais apreciados, sendo provido na corregedoria da camara do Porto, com a distincção de poder usar de béca.

N'aquelle tempo reputava-se este cargo o morgado da magistratura, tanto pela residencia em cidade tão rica e populosa, como por existir ali a casa do civel (de que eram governadores hereditarios os marquezes de Arronches) composta de ministros conspicuos e experimentados, uns pelo exercicio do magisterio nas cadeiras da universidade, outros pela pratica das leis, adquirida no desempenho das funcções senatorias mais conceituadas.

Principiando a servir, Diogo de Mendonça fez-se logo bem acceito pela sua rectidão como juiz, e pelo agrado das suas maneiras discretas. Sem affectar falsa austeridade, nem ostentar intratavel rigidez, depressa conheceram que a sua virtude, por ser alegre e risonha, não era por isso facil em ceder, ou commoda de tentar.

Amaciando, quanto podia, o rigor ás leis, a sua inteireza na administração da justiça tirou as esperanças ao patronato, e cortou as azas ás peitas, que desgraçadamente não poupavam o ascoso contacto da sua vileza a nenhum caracter publico, senão depois de repellidas e desprezadas. N'esta lucta, Diogo de Mendonça, sem alarde, nem clamores, soube honrar a toga, e o sangue illustre de seus avós.

Decorridos poucos mezes apenas, já ninguem ousava levantar sequer os olhos para o idolo corrupto, que d'antes se adorava quasi abertamente, e sem disfarce.

A noticia do zeloso serviço, e dotes do novo magistrado, chegou á côrte; e D. Pedro II, informado do que podia esperar-se da capacidade de Diogo de Mendonça, expediu-lhe em janeiro de 1691 uma ordem para deixar o emprego, embarcando sem demora para Hollanda, com o caracter de seu enviado extraordinario.

Na idade de trinta e tres annos, contando quatro de exercicio na magistratura, o futuro secretario de estado despiu a béca para não a tornar a vestir mais, e entrou na administração e nos ministerios pela porta, então a mais brilhante, a da diplomacia!

O seu despacho foi datado do mez de janeiro, e a 3 de março seguinte já elle em um navio hamburguez seguia para Hollanda, affrontando-se com os mares grossos e os ventos ponteiros, que não cessaram de lhe atravessar a viagem. Debaixo de cerração tempestuosa, e cortados de susto, os navegantes chegaram finalmente á bôca do canal de Inglaterra, infamado pela frequencia dos naufragios. Ia-lhes succedendo ahi a ultima catastrophe! Pouco praticos, os pilotos, em vez de marearem o verdadeiro, tomaram pelo falso canal; e se um vento favoravel os não soc-

corre, dando logar a safar-se o navio dos escolhos, todos ficariam perdidos sem remedio.

Mas o naufragio, que n'esta occasião tiveram diante dos olhos, e de que os livrou só um acaso venturoso, pouco se demorou. Passados tres dias, em sabbado de Alleluia, 14 de abril, tocou a embarcação em um banco de areia na costa de Inglaterra, e o capitão, e a tripulação, por tal modo esmoreceram com o desastre, que por largo espaço faltava quem mandasse, e não havia tambem quem quizesse obedecer.

O perigo augmentava de instante para instante; e na confusão geral não se procurava o remedio, nem se curava de atalhar o mal.

Entregues a lastimas e a maguas, deixavam fugir preciosos momentos, e nem o torvo aspecto da morte, que os ameaçava, e prestes fam beber nas aguas, lhes inspirava aquelle valor decidido, que muitas vezes, em casos desesperados, tem sabido subjugar a fortuna!

Diogo de Mendonça era dotado de animo viril, e de admiravel presença de espirito. Sujeito, como todos, aos temores proprios do homem, possuia a força necessaria para se vencer, e oppor aos grandes perigos as grandes resoluções.

Na perturbação geral só elle media o risco a olhos firmes, e calculava o modo de o atenuar.

Depois de se preparar, como christão, para o lance, que promettia a extremidade em que se viam todos, tratou de incutir nos officiaes e marinheiros os alentos indispensaveis para se não deixarem colher sem defeza pela ruina, d'ahi a pouco inevitavel. Á sua voz lançaram-se as lanchas fóra, cortaram-se os mastros, e alijou-se a carregação ao mar. Tudo se executou com rapidez, e sem perigo; e mettendo-se em uma das lanchas Diogo de Mendonça com toda a sua familia e o capitão, e na outra a gente da tripulação, fizeram-se na volta do mar, em quanto o navio se fa a pique.

Toda a noute estiveram pairando; sobre a manhã puzeram a prôa em terra, e descobriram uma dilatada praia cheia de aspera penedia. Aproximaram-se com cuidado, e já sol alto aferraram o porto, salvos da tormenta, e por milagre, livres da morte.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

ANTIGAS SEPULTURAS DE BEL-AIRE.

De ha muito que a persistencia de certas tradições populares e praticas superstições apontavam á attenção dos archeologos o antigo cemiterio da collina de Bel-Aire, perto de Lausanna, na Suissa. Ha menos de cem annos, diz o sr. F. Froyon, vinham ainda alta noute traçar com uma espada um circulo magico, no interior do qual se esperava sempre encontrar um thesouro; dizia-se que ali appareciam almas do outro mundo e phantasmas; n'uma palavra era Bel-Aire o theatro de todas as lendas mysteriosas que se referem sempre ás antigas sepulturas, em consequencia da especie de terror que inspiram, e da vaga lembrança dos ornamentos que se suppõem sepultados com os mortos. Só, porém, em 1838 é que se resolveu emprehender um trabalho de exploração scientifica, em resultado do qual já se conseguiram descobrir mais de tresentas sepulturas. São estas em geral do comprimento de dous a sete pés, conforme a idade e a altura dos defunctos, e todas dirigidas do poente para o nascente, formando alinhamentos irregulares. Algumas são feitas de grés, outras construidas de lages toscas, ou de pedra secca; porém tambem se encontraram esqueletos deitados na terra. As sepulturas estavam dispostas em tres camadas successivas. As primeiras inhumações foram feitas a cinco ou seis pés de profundeza; a ultima camada ficava quasi á flor da terra.

São immensos os objectos encontrados n'estas sepulturas, e de uma importancia extraordinaria, para o estudo da epocha a que pertencem.

Nas sepulturas das mulheres encontraram-se ganchos do cabello, pentes de osso, brincos de prata, broches, anneis, e collares de varios feitios, e alguns mui bem fabricados, e similhantes aos que se têem descoberto em os antigos tumulos do Egypto, de França e Inglaterra, da Suecia, da Allemanha e da Criméa. As armas dos guerreiros consistem em ferros de lança, e em cutellos, curtos e afiados de um só lado. As peças adamascadas e esmaltadas, rarissimas em muitos museus de antiguidades, são em Bel-Aire vulgares.

Quando appareceu em 1841 a primeira descripção d'estes tumulos dissentiam os archeologos sobre a epocha e o povo a quem pertenciam estes despojos funebres. Em 1842, novos descobrimentos contribuiram para resolver a questão; reconhecendo-se por elles que estas inhumações successivas tinham tido logar do quinto até o nono seculos da nossa era.

Na nossa gravura está copiada uma especie de broche de bronze prateado, representando, em grosseiro desenho, Daniel na cova dos leões, com uma inscripção, cujo sentido é difficil apreciar devidamente sem mais largo estudo.

Se todos descendemos de um homem que Deus formou certo é que somos liados por parentesco, e obrigados a nos termos uns aos outros amor reciproco: quanto mais que sendo todos inspirados e animados da mão de um só Deus, pae nosso celestial, que outra cousa somos senão irmãos uns dos outros?

A. Arraes.

O BRAZIL.

Os templos soberbos da Grecia formosa,
Os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornam meu patrio Brazil:
Estatuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partes,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpidas fontes,
As flôres, os fructos, os prados, os montes
Esmaltam, protegem meu patrio Brazil,
E o canto das aves na selva escutâmos,
E o sol não tememos, e a sombra buscâmos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Venus, as Graças, os loucos Amores,
Celestes no marmor', na fórma, nas côres
Não temos, não temos no patrio Brazil;
Mas temos as virgens de olhar expressivo,
De rosto moreno, caracter altivo,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

E virgens e homens e bosques e mares
E tudo que vive na terra, nos ares
É bello, é sublime no patrio Brazil:
Azul é o céu, as florestas formosas,
Valentes os homens, as virgens mimosas,
E as verdes palmeiras viçosas a mil!

A. Marques Rodrigues.

O ARCHIDUQUE MAXIMILIANO EM JERUSALEM.

Com o duplo fim de edificar e recrear os nossos leitores damos aqui a traducção de um artigo que sob este mesmo titulo veiu no numero do periodico francez intitulado *O Amigo da Religião*, que se publicou em 18 d'agosto d'este anno.

«Não tendo ainda fallado da visita que o archiduque Maximiliano d'Austria fez ultimamente a Jerusalem, empenhar-nos-hemos hoje em transcrever a interessante e tocante relação que um religioso franciscano da Terra Santa fez dos pios incidentes da estada d'aquelle principe na referida cidade. Tem este facto, mórmente nas circumstancias actuaes, um alcance fóra da medida ordinaria. A attitude do archiduque austriaco n'esta occasião ha de necessariamente apertar os estreitos laços, que vinculam ao imperio catholico dos Habsbourgs a defensa dos logares santos.—A. Sisson.»

«Mal póde deixar de reconhecer-se, na viagem que, no intervallo de tres mezes, dous principes catholicos vem de fazer á Terra Santa, um evidente signal de um verdadeiro triumpho da nossa divina religião. Tendo nós tido primeiramente azo de admirar a piedade do duque de Brabante e de sua nobre esposa, tivemos pouco depois opportunidade de render os nossos respeitos a sua alteza imperial o archiduque Maximiliano d'Austria. Entrou este joven principe a difficil e perigosa barra de Jaffa ás dez horas da noute de 29 de junho em que tinhamos celebrado a grande festividade dos apostolos S. Pedro e S. Paulo. Foi o illustre viajante, ao saír em terra, recebido pelo reverendo padre guardião do convento de Monte Sião e do Santo Sepulchro, custodio da Terra Santa, pelo chanceller de monsenhor Valerga, patriarcha de Jerusalem, e pelo conde de Rizzamano, consul d'Austria e da Belgica, aos quaes se tinham juntado os religiosos franciscanos, contentes de albergar em sua humilde morada mais um tão excelso viandante.

«Não permittindo a hora a que elle chegou que fosse recebido com salvas d'artilharia, e que se entoasse logo o *Te Deum* e outros canticos, como se fizera no dia 7 de março em que o duque de Brabante deu felizmente entrada n'aquello porto, era facil de ver em todos os semblantes a alegria que, apesar d'esta falta de demonstrações, aquella vinda causava aos catholicos, aos scismaticos, aos protestantes, e até aos turcos, indistinctamente.

«O archiduque, depois de acolher com singular bondade os cumprimentos das auctoridades locaes e dos agentes consulares das diversas nações, agradeceu particularmente ao conde de Rizzamano o offerecimento que este lhe fizera da sua residencia em Jerusalem, manifestando-lhe ao mesmo passo o desejo que tinha de ir ali morar na casa religiosa de que já se fez menção. Ancioso de ver o augusto templo que encerra o sepulchro do Salvador poz-se sua alteza imperial, sem tomar descanso, logo a caminho pela uma hora e meia da noute para Rama, onde se demorou um pouco de tempo na nossa pobre casa; e na tarde do dia seguinte chegou á cidade santa, acompanhado das duas precitadas auctoridades ecclesiasticas, do consul geral d'Austria, e de dous padres da mesma nação, e de varios officiaes de marinha empregados nas embarcações de guèrra movidas a vapor que o tinham conduzido a Jaffa.

«Fizeram-se ao archiduque as mesmas honras com que fôra tratado o herdeiro do throno da Belgica. A tropa musulmana saíu ao seu encontro junto com uma innumeravel multidão de gente, apresentando uma mistura de protestantes, gregos, armenios, turcos e judeus. Todos contemplavam com admiração e espanto a nobre presença do principe, e a piedade que do fundo do seu coração transluzia na sua figura. A uma grande distancia da cidade, onde Kialim pachá, governador de Jerusalem, saíndo a receber ao caminho o augusto hospede, tinha em honra d'elle mandado armar as suas barracas de campanha, desceu sua alteza imperial do cavallo, e prostrado á vista da cidade santa, beijou affectuosamenta a terra que trilhava, e fez uma breve oração, manifestando com fervor, como mostravam as lagrimas que lhe corriam dos olhos, as doces e consolantes commoções que sentem os que com fé viva fazem esta peregrinação devota. D'ali até á sua entrada na cidade mysteriosa quiz o archiduque caminhar como um humilde peregrino, inteiramente absorto nos pensamentos religiosos que enchiam e fartavam a sua alma á medida que elle se aproximava aos edificios celebres que durante muitos seculos foram cobiçados pelos infieis, e defendidos pelo heroismo de tantos e tão nobres christãos.

«Já nos ares retinia o som da artilharia, e o real caminhante, avançando entre duas alas de soldados até ás portas da cidade, cortejava a todos com nobreza e affabilidade. Todos lhe davam as boas vindas, a que elle correspondia com um gracioso sorriso. Depois de entrar na cidade, e ao chegar á praça onde do lado direito se eleva a torre de David, foi elle recebido pelo sr. patriarcha, revestido em habitos pontificaes, e rodeado dos religiosos franciscanos, e do seu clero secular, postos em renque debaixo da sagrada bandeira da cruz. O prelado abençoou primeiro e cumprimentou depois em termos impressivos o principe, que, findo aquelle discurso, tornou, profundamente commovido, e com os olhos arrasados de lagrimas, a fazer uma inclinação ao venerando pastor, ante quem ajoelhou e exprimiu admiravelmente a turbação religiosa da sua alma.

«Poz-se logo em marcha a procissão que devia conduzil-o ao sagrado templo passando pelas ruas principaes da cidade santa. Ia diante a guarda do pachá, capitaneada por este, vestido de uniforme militar completo, e regulando o passo grave dos seus solda-

dos. Seguiam-se os janizaros dos consules das diversas nações europeas, e os drogmans do convento de S. Salvador e do patriarchado: vinham depois os cursistas das aulas dos franciscanos e estes religiosos, todos de sobrepellizes ou roquetes, e cantando hymnos de acções de graças: após estes íam, por sua ordem, entre duas alas de tochas accesas, e precedidos da cruz patriarchal, os seminaristas; e immediato a elles o sr. patriarcha, levando á sua direita o principe, seguido dos agentes consulares, dos officiaes da sua comitiva, e de immensidade de gente de todas as condições e de todas as crenças, contida por uma guarda de honra que rematava o prestito. Á entrada da grande basilica vieram os gregos com brandões accesos, e derramaram agua aromatisada sobre as mãos do archiduque. Pouco mais adiante os armenios praticaram o mesmo.

«Ao entrar no templo tomou sua alteza imperial agua-benta, e, depois de fazer o signal da cruz, foi direito á pequena mas tão veneravel capella cuja cupula cobre o santo e glorioso sepulchro do divino Redemptor; e ali, como que elevado em sublime extase pelas memorias que aquelle marmore branco desperta, orou fervorosamente, e verteu doces lagrimas, parecendo não poder despegar-se do mais precioso monumento da Igreja christã. Passando d'ali á capella latina do Sacramento, onde tambem fez oração, dirigiu-se depois ao convento de S. Salvador, em que, segundo os seus desejos, foi hospedado; destinando-se para elle a cella do reverendo custodio, e para os officiaes da sua comitiva a hospedaria em que os peregrinos costumam receber agasalho.

«Subito corre por toda a cidade o boato dos verdadeiramente extraordinarios testemunhos de piedade que o augusto personagem acabava de dar na igreja do Santo Sepulchro. Todos acham alguma cousa que admirar nas suas acções, maravilhando-se uns da repugnancia com que o archiduque se apartou do sacrosanto tumulo, e pasmando outros do irresistivel poder e da força attractiva que n'elle tinha a sua viva piedade, e do crescente abalo que sua alma sentiu nas quatro vezes que, para satisfazer o seu intenso assombro, foi no mesmo dia áquelle santuario: observando-se no archiduque que, quanto mais era tratado de perto, tanto mais encantava pela sua exemplar modestia, pela sua amavel doçura, pela generosa largueza com que soccorria os pobres, pela benevolencia que usava com os estrangeiros, pela affabilidade com que recebia a todos, e pelo seu puro e santo amor da nossa sagrada religião.

«Bem que a este joven angelico, a quem tão propriamente quadra este nome, não fosse dado realçar com a sua presença a pompa dos officios da semana santa, como succedeu ao duque e á duqueza de Brabante, que com a mais edificante piedade receberam o corpo do Salvador em quinta feira de Endoenças, tivemos comtudo a consolação de ver no primeiro de julho o archiduque, ajoelhado diante da sagrada meza, receber das mãos do sr. patriarcha o Sacramento ineffavel do Rei dos reis. Logo depois d'este acto foi elle, com os olhos banhados de lagrimas agradecidas, acima do Golgotha para ali ouvir uma missa de acção de graças, celebrada pelo reverendo padre custodio. Os filhos de S. Francisco, habituados como estão aos exercicios da vida laboriosa e penitente, e á pratica de actos de humildade, não cansavam de contemplar o fervor do principe, que não tinha forças de arrancar-se do santuario; não podendo os mais ardentes catholicos deixar de taxar-se de fracos e tibios em face de tão nobres exemplos.

«Examinando o archiduque em seguida com pia attenção todos os differentes objectos, assim grandes como pequenos, que inclue aquelle santo templo, acompanhou depois com igual modestia a procissão que em cada dia fazem os religiosos do santo sepulchro; e quando, descendo á gruta onde Santa Helena descobriu o sagrado madeiro da cruz, viu o miseravel estado em que se acha aquelle santo logar, a que toda a christandade tributa a mais profunda reverencia, mandou elle que ás suas expensas se levantasse ali um altar de marmore precioso, digno da sua real munificencia. Indo depois ao monte Sião e ao monte Olivete, baixando posteriormente ao Horto de Gethesemani, volveu, pela Via Dolorosa, ao Calvario no meio de uma multidão de pessoas que o seguiam no seu decurso por uma cidade em grande parte povoada de musulmanos, inteiramente governada por elles, e onde tem tanta influencia os scismaticos, que n'aquellas partes são os nossos maiores contrarios. Foi ali que o augusto principe, sempre escoltado pelos turcos debaixo d'armas do grão sultão, dobrou respeitosamente os joelhos em cada uma das estações assignaladas pelos abatimentos e pelo preciosissimo sangue do divino Salvador: beijando tambem ali o archiduque a terra, e fazendo em cada uma d'aquellas paradas uma fervente oração. Depois d'estas visitas, encaminhou-se elle a Bethlem, e tocou ali com os beiços tremulos de commoção a lapa nua que ainda hoje attesta o nascimento do Redemptor; indo tambem ver todos os santuarios que ficam em torno da pequena cidade, recolhendo-se immediatamente á pobre cella onde foi alojado. Não deixando elle, porém, de examinar os monumentos profanos que ali existem, foi ver, entre outras antiguidades d'este genero, a mesquita de Omar, que jaz no mesmo logar onde d'antes se elevava o grandioso e famoso templo de Salomão; sendo o nobre estrangeiro n'esta excursão acompanhado do pachá, e do commandante da guarnição, encantados de suas altas qualidades. Em todas as suas outras digressões quiz o principe que o reverendo padre custodio o não largasse, como tambem haviam praticado o duque e a duqueza de Brabante, que similhantemente foram hospedados nos nossos conventos de Jaffa, Rama, S. João na Judéa, Bethlem, Beyrouth, Damasco e Nicosia em Chypre; consentindo apenas em ir morar na residencia do respectivo consul em Jerusalem. Quiz bem assim o archiduque que outros dous religiosos designados para o acompanhar o seguissem sempre. Nos breves intervallos entre estes passeios foi sua alteza imperial ver attentamente todas as officinas do convento de S. Salvador, dando fé do modo como estavam as fabricas, a enfermaria, a botica, os armazens, e acolhendo em todas as partes com palavras doces e benignas todas as pessoas que o rodeavam.

«Não é pois de admirar que o archiduque, nos tres dias que passou em Jerusalem, deixasse ali perpetuas memorias em troco das condignas lembranças que a sua piedade o levou a trazer no seu regresso d'aquella romagem. De feito, não lhe foi possivel saír da terra dos mysterios sem d'ali levar comsigo alguns objectos que lhe recordassem os momentos afortunados que lá tinha logrado, e que são as mais suaves delicias em que póde regalar-se o homem que viaja.

«Tendo elle obtido do reverendo padre custodio a faculdade de levar todos os ornamentos dos altares do santo sepulchro onde recebêra a sagrada eucharistia, e do monte Calvario, bem como da santa

lapa de Bethlem, onde assistíra ao sacrificio incruento, a fim de servirem no seu oratorio com preferencia aos mais ricos ornatos que o adornam, obrigando-se a substituir aquelles por outros de metaes e lavores mais preciosos, dando, por exemplo, uma banqueta de prata em cambio de outra de bronze, resolveu elle, no entanto, e como primicias de suas offerendas aos logares consagrados pela nossa redempção, collocar desde logo no novo altar da Invenção da santa cruz uma reliquia insigne do santo lenho dentro de um magnifico relicario de ouro, cercado de brilhantes e de outras pedras preciosas do valor de quatro mil duros.

«Saíu finalmente de Jerusalem o illustre peregrino em 3 de julho poucas horas depois do meio dia: e fazendo alto na corôa de um outeiro d'onde se descobre a cidade santa, deu ali mais uma prova de sua piedade, apeando-se do cavallo, e prostrando-se n'esta terra tão fecunda em prodigios e na qual deu um ultimo osculo no mesmo logar em que as tropas invenciveis de Gothofredo dobraram os joelhos ao avistarem a cidade santa.»

M. R.

EPHEMERIDES HISTORICAS.

SETEMBRO 1

1739 — Tratado de paz de Belgrado entre a côrte de Vienna e a Porta ottomana.
1715 — Morte de Luiz XIV o *grande*, com 77 annos de idade.

2

1630 — Grande terremoto na ilha de S. Miguel.
1666 — Incendio em Londres, sendo consumidas pelas chammas 13:200 casas.
1686 — Buda é tomada aos turcos pelo duque de Lorraine.

3

1649 — Morre n'uma prizão da cidade de Milão, o infante D. Duarte, irmão de D. João IV.
1658 — Morte do celebre Oliveiro Cromwell.

4

1501 — Consorcio de Lucrecia Borgia com Affonso d'Este.

5

1800 — Malta é entregue por capitulação á esquadra de Nelson, da qual faziam parte alguns navios portuguezes commandados pelo marquez de Niza.

6

1746 — Entrada dos austriacos em Genova.
1245 — Sobe ao throno de Portugal D. Affonso II, o *bolonhez*.

7

1631 — Victoria alcançada por Gustavo Adolfo sobre Tilly em Leipsik.

8

70 — Tomada de Jerusalem por Tito.

9

1585 — Bulla do papa Sixto V contra Henrique IV.
1438 — Morte do sabio e infeliz rei D. Duarte.

10

1547 — Assassinato de P. L. Farnesio pelos nobres de Sienna.
1756 — Instituição da companhia dos vinhos do alto Douro.

11

1609 — Edito de Filippe III expulsando os mouros dos dominios hespanhoes.

12

1683 — João Sobieski, rei da Polonia, desbarata os turcos cérca das muralhas de Vienna de Austria, salvando assim este paiz de uma ruina imminente.

13

1598 — Morte de Filippe II, rei de Hespanha.
1321 — Morte de Dante.

14

1853 — Morte de lord Wellington.

15

1810 — Insurreição no Mexico contra os hespanhoes.

16

1672 — Tomada de Candia pelos turcos.

17

284 — Diocleciano é acclamado imperador.

18

1835 — Morte do celebre compositor Bellini.
97 — Assassinato do imperador Domiciano.

19

1792 — Suppressão da ordem de Malta.

20

1526 — O vaticano e a basilica de S. Pedro é saqueada pelos Colonna.

21

1558 — Morte de Carlos V.
1761 — O jesuita Gabriel Malagrida é queimado vivo em Lisboa.
1604 — Tomada de Ostende pelos hespanhoes.

22

1503 — Exaltação de Pio III ao solio pontificio.

23

1795 — O povo francez acceita a constituição chamada do anno III.

24

789 — Concilio geral em Nicéa, setimo dos que se celebraram n'esta cidade.

25

1472 — D. Affonso V concede aos bispos de Coimbra o titulo de condes de Arganil.

DECLARAÇÃO.

Constou ao editor que *alguem*, cujas intenções não sabe explicar, espalhára que o *Panorama* acabava, sendo refundido na *Illustração*, que deve começar a publicar-se em janeiro proximo; cumpre pois ao editor declarar mui expressamente que o *Panorama* continuará nos futuros annos, como até aqui, a saír regularmente todos os sabbados, no mesmo systema, e com os melhoramentos que o acolhimento publico nos permittirem fazer-lhe. A *Illustração* é um periodico inteiramente diverso na indole e no plano da redacção, como póde ver-se nos prospectos, a que tem dado toda a publicidade. Por esta occasião previne outrosim o editor, que a nova empreza da *Illustração Luso-Brazileira* nada tem de commum com a da antiga *Illustração*, nem tão pouco com a do mesquinho periodico que saíu com o mesmo titulo da typographia universal em 1852.